

LEVI DE CAMINHAS

*Peregrino de mim,*  
PASSAGEIRO DO CAMINHO

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020

# I. UMA NOVA CAMINHADA

## SAINT-JEAN-PIED-DE-PORT - LE COIN DU CHEMIN

Saint-Jean-Pied-de-Port, encruzilhada dos caminhos, fincada no coração do *pays basque*, aos pés dos Pirineus, quase a separar França e Espanha, é o caldeirão onde se fundem as motivações, as intenções, as esperanças e a fé que alimentam e avivam a determinação de seguir o Caminho de Santiago de Compostela.

É nessa esquina de incontáveis e distintos mundos que peregrinos, andarilhos, caminhantes de todos os matizes se encontram e se reconhecem como partes de uma mesma jornada, mais ampla e mais abrangente do que as que os trouxeram até esse lugar. Quem aqui aporta pode ser outra pessoa quando daqui zarpa.

Dessa mágica cidade, em 2011, parti para a primeira caminhada a Santiago. O meu sonho de cobrir os 800 km começava a se tornar realidade e se desenrolaria pelos trinta dias seguintes. Ao receber o primeiro carimbo na minha credencial, me senti investido no manto do verdadeiro peregrino, com imensa responsabilidade e idêntico medo de não conseguir atingir o meu objetivo. Nunca imaginei que retornaria outras tantas vezes a Saint-Jean-Pied-de-Port a ponto de, ao concluir essa primeira caminhada, dar as botas e o bastão à hospitaleira do

albergue onde fiquei em Santiago, declarando que não mais voltaria ao Caminho. Puro engano. No ano seguinte, lá estava eu novamente na cidade. Por quê?

Pois foi nessa encruzilhada de caminhos, em 2018, após sofrer imensamente na minha própria jornada, que encontrei o peregrino João, que partiu de Lisboa, enquanto eu partia de Vézelay. Chegar até aqui me custou mais do que milhares de passos – me custou abundantes lágrimas, dores e penas.

É nessa cidade bucólica e fascinante que começa a desenrolar-se a magia que povoa os sonhos de milhares de peregrinos: realizar o Caminho de Santiago. Aqui embarcam para se tornarem Passageiros do Caminho.

Contudo, a minha estrada começa bem antes de esbarrar com João nessa encantadora cidade medieval.

Andar e andar é preciso. Amanhã?, quem sabe... Sou um Passageiro do Caminho e apenas deixo o Caminho me levar.

## ANNO DOMINI 2018 – CAMINHANDO EM BUSCA DE RESPOSTAS

*É preciso saber perder-se quando queremos aprender  
algo das coisas que nós próprios não somos.*

FRIEDRICH NIETZSCHE

*Caminhar é sentir na alma o que os  
olhos veem e os pés sentem.*

LEVI DE CAMINHAS

Vézelay, França. Domingo de Páscoa do *anno Domini* 2018.  
Cá estou no limiar de uma nova caminhada!

O que me traz aqui? A busca de liberdade, de me sentir livre, a procura por conhecer-me um pouco mais. Também me move a busca por respostas para perguntas que nunca me fiz – por temer tanto as perguntas, quanto as respostas.

São perguntas para situações que não me inquietaram à época, por não saber exatamente o que estava acontecendo ou, mesmo, para onde eu seguia.

Em cada caminho me conheço um pouco mais. Contudo, faltam-me algumas respostas, principalmente para aquelas perguntas que não tenho coragem de fazer.

Cá estou diante de uma nova caminhada, diante de mim mesmo, apenas eu, meus pensamentos, meus sonhos, minha mochila e o Caminho.

E, aqui, no caminho, me sinto livre – um pássaro que fugiu da gaiola e descobre um mundo muito maior e mais belo do que poderia imaginar.

Tenho consciência de que a gaiola é o meu porto seguro, para onde, mais dia menos dia, voarei de volta. Voltarei para um tempo de reabastecimento no mesmo ninho que me preparou para os desafios desse novo mundo, um mundo cheio de vida e de contradições. Aí, então, estarei novamente pronto a enfrentá-lo, em busca de algo.

Sei, pelas experiências anteriores, que é preciso adaptar-se, a cada momento, às circunstâncias que aparecem, mudar planos para aquele exato instante, sempre preservando o objetivo maior de chegar bem ao fim de cada etapa, pois a meta final pode ser apenas um devaneio, um sonho, algo que pode ser atingido muito lá na frente.

Como os cruzados que, no domingo de Páscoa do longínquo ano de 1146, na Segunda Cruzada, partiram de Vézelay, após assistirem à missa campal celebrada pelo abade Bernardo de Claraval, começo a minha jornada nessa mesma cidade, também num domingo de páscoa, dia 1º de abril de 2018, rumo à Península Ibérica que, à época daquela cruzada, era dominada pelos povos berberes.

Quicá tenha sido eu um cruzado que agora retorna ao ponto de partida. Um sítio onde, há quase novecentos anos, foram ouvidas as palavras do abade Bernardo de Claraval a exortar aqueles guerreiros a lutarem pela ocupação da Terra Santa, a encorajá-los, prevenindo-os para as batalhas que seriam travadas em sua missão sagrada.

A Segunda Cruzada foi um fracasso. Os cruzados foram derrotados no Oriente Médio. Contudo, na sua passagem pela Península Ibérica, ajudaram o primeiro rei de Portugal, Don Afonso Henrique, a expulsar os mouros de Lisboa, abrindo caminho para a criação do Estado português que, com a ajuda dos Templários, estabeleceu em definitivo as fronteiras de Portugal em 1249.

A história arrola o ideário cristão a mover essas campanhas e cataloga as tantas vitórias e tantas derrotas dos cruzados. Também assinala muitos episódios de bravura e não poucas histórias de crimes e crueldades. Não tenho, aqui, a intenção de fazer apologia ou mostrar repúdio aos seus feitos, gloriosos ou inglórios, mas apenas demarcar pela data histórica o meu ponto de partida nessa caminhada.

Em comum temos, eu e os cruzados, o medo trazido pelas incertezas e pelos desafios a serem superados; também, a esperança e a coragem que impulsionam e dão a força necessária para ir ao encontro dos objetivos traçados, ainda que distantes e incertos.

Por maior preparo e planejamento que existam, as circunstâncias e condições de cada local serão sempre as determinantes dos acontecimentos. Aqueles homens tinham como objetivo a conquista da Terra Santa e, igualmente, buscavam aventura, fama e glória.

De minha parte, busco tão somente a minha “Terra Santa”: decifrar-me, saber quem sou, encontrar respostas e tentar entender as razões pelas quais caminho. Talvez almeje libertar-me de crenças, preconceitos, dogmas. Ou pensar diferente do preestabelecido pela cultura em que me encontro imerso.

## **DO COMEÇO DE UMA CAMINHADA**

A bem dizer, iniciei a jornada ao partir do Brasil em voo direto São Paulo-Paris, que aterrissou no Aeroporto de Orly, na manhã de 28 de março. Fui direto ao hotel, um Ibis da região de Bercy, convenientemente próximo à estação de trem que eu utilizaria e a duas grandes lojas de esporte.

Era final de manhã, então aproveitei o restante do dia para comprar o material complementar para enfrentar o frio que

sabia me esperar nas duas primeiras semanas de caminhada. Adquiri um suéter, um anorak impermeável, um pulôver e um guarda-chuva médio na cor azul.

Nas caminhadas, os detalhes importam demais – por que a cor azul? – aquece menos no sol e é mais visível quando se anda nas estradas. A outra opção seria uma capa de chuva, mas ela aquece muito quando se anda, resultando em muita transpiração e o corpo ensopado de suor, mesmo em temperaturas mais baixas. É bem verdade que o guarda-chuva ocupa uma das mãos e há que se administrar o vento, e isso se aprende a controlar durante as caminhadas. Ainda assim, é mais confortável do que a capa de chuva.

No final do dia seguinte, com o tempo um pouco frio, peguei o trem para Auxerre, cidade encantadora da região da Borgonha. É uma cidade de porte médio com construções medievais, às margens do rio Yonne, com muitos restaurantes, a catedral de Saint-Etienne, e, como não poderia deixar de ser por estar na Borgonha, seus maravilhosos pinot noir.

Sempre andando, fiz belos passeios por Auxerre. O meu francês é apenas razoável, todavia, consigo me comunicar sem problemas. A valer, quando comecei a estudar francês para fazer o caminho de Le-Puy-en-Velay em 2014, mal passava do “Oui” ou “Merci”. Desde então, evolui bastante, mesmo assim não deixei de passar por algumas situações inesperadas e até pitorescas, como pedir um prato num restaurante esperando uma coisa e vir outra, digamos, trocando gato por lebre. Enfim, compunha o aprendizado da língua.

Aproveitei para comprar alguns medicamentos para uso ocasional na jornada, tais como Betadine, Compeed, anti-inflamatório em comprimido e vitaminas. Além desses, trouxera do Brasil medicamentos de uso contínuo para quatro meses – o que representavam um razoável volume, mesmo descartando as embalagens.

Ainda em Auxerre, despachei pelos correios para La Châtre – cidade onde eu deveria chegar no décimo dia de minha caminhada – as peças de roupa que só viria a usar no verão e outras tantas coisas desnecessárias para as semanas seguintes, inclusive os remédios de uso contínuo, mantendo comigo o necessário para, no máximo, vinte dias. Enfim, o objetivo era diminuir o peso da mochila e utilizei o serviço de posta restante.

A encomenda ficaria depositada na agência dos correios indicada e teria de ser retirada dentro de quinze dias ou seria devolvida à agência de origem. Como a postagem se dera numa sexta-feira, o encaminhamento só ocorreria na segunda seguinte, portanto, na prática, eu ganharia mais dois ou três dias de prazo, trazendo uma folga para paradas circunstanciais no caminho. Até parecia estar adivinhando que viria a precisar desses dias adicionais.

Na manhã seguinte, dia 31 de março, já com o bilhete comprado, saí cedo para a estação de trem tencionando embarcar com destino a Vézelay. Com efeito, estava ansioso para dar início à caminhada e, mais ainda, para saber o que me reservava essa longa jornada.

O trem iria até Sermizelles a, aproximadamente, 10 km de Vézelay. O previsto era andar o restante do trajeto, só não levei em conta o meu claudicante francês...

Aí entrou uma das tais situações inesperadas: cheguei à estação vinte minutos antes da partida e fiquei esperando que o painel indicasse a plataforma de embarque. Aparecia o número e o horário do “meu trem”, mas não a plataforma.

Esperei pacientemente a indicação até cinco minutos após o horário previsto, e nada. Fui à bilheteria pedir informações sobre o “meu trem”. O monsieur me informou que a saída seria na frente da estação e que aquele bilhete era para viagem de *autocar*, vale dizer, de ônibus. Corri até o local e, claro, tinha perdido o “buzu”.



Paciência, vivendo e apreendendo. O próximo trem, só à tarde. Mais a andada de 10 km, iria chegar no final da tarde, sem tempo para rodar um pouco na cidade. Vi dois táxis em frente à estação, aproximei-me dos motoristas, expliquei o que se passara. Um deles se prontificou a levar-me até Vézelay por 80 euros. Pensei comigo: chego mais cedo e terei mais tempo para bater perna pela cidade. Topei!

### VÉZELAY, “LA COLLINE ÉTERNELLE”

Voilà! – Vézelay, “*la colline éternelle*”. Pequena e histórica cidade da França, parada no tempo, por onde passaram os romanos, os vikings e outros povos. Como consequência, foi destruída e reconstruída algumas vezes.

O período das cruzadas, no século XII, resultou no apogeu desse pequeno lugar que ainda mantém o seu ar de vila medieval dado por suas muralhas, ou melhor, pelo que restou delas e pela imponente Basílica de Santa Maria Madalena.

Relata-se que a igreja guardava os restos mortais de Santa Maria Madalena, que, em determinado momento, foram levados para o Vaticano. Restou um relicário da santa. Nesse quadro, a comunidade sobrevive do turismo.

Por volta das 10 horas cheguei à recepção do Auberge Centre-Sainte-Madeleine, que pertence à ordem religiosa Fraternité des Frères, de Jérusalem. O hospitaleiro, Irmão Robert, confirmou a minha reserva e avisou que o alojamento só abriria mais tarde. Pedi a ele para acomodar minha mochila ali e, enquanto esperava, eu daria uma volta para conhecer a cidade.

Dali passei na “Amis de Saint-Jacques de Compostelle de la Voie de Vézelay” (Associação dos Amigos de Santiago do Caminho de Vézelay) para adquirir uma credencial francesa e

• *Livros iluminam* •

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em novembro de 2020.

---